

# O PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA NAS HISTÓRIAS INFANTIS SOB O ENTENDIMENTO DOS ARQUÉTIPOS

2017

**Denilma Oliveira Nunes**

Acadêmica do 10º período do curso de bacharelado em Psicologia na Faculdade de Tecnologia e Ciências –  
FTC (Brasil)

[denilma\\_nunes@hotmail.com](mailto:denilma_nunes@hotmail.com)

**Eurides de Oliveira Queiroz Neta**

Especialista em Psicoterapia Analítica pelo instituto Junguiano da Bahia; Bacharel em Psicologia  
pela Universidade Federal da Bahia – UFBA (Brasil)

[euridesneta@yahoo.com.br](mailto:euridesneta@yahoo.com.br)

---

## RESUMO

O presente artigo é uma revisão bibliográfica que parte da compreensão das histórias infantis no cenário brasileiro, e a inserção do protagonismo da mulher negra nesse espaço de representação. Com isso, pretende-se investigar se a militância feminista contribui para o avanço de uma possível representação contemporânea. Para refletir sobre, o estudo descreve o contexto histórico da literatura infantil brasileira e a inclusão do personagem negro; as representações culturais e identitárias transmitidas por meio das narrativas; além disso, busca explorar acerca dos arquétipos presentes nas histórias, visto que, as imagens arquetípicas transmitem crenças, valores, e induzem papéis sociais. O artigo foi fundamentado através de uma avaliação qualitativa e explicativa, com base em diferentes autores que já pesquisaram sobre a temática em questão. A partir disso, o objetivo é apresentar contribuições em relação à inclusão de protagonistas negras nas histórias infantis brasileiras, em prol da valorização e representatividade nacional.

**Palavras-chave:** Literatura infantil, personagem negra, representatividade, identidade.

Copyright © 2018.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa apresenta uma discussão sobre as histórias infantis no cenário brasileiro, e a inserção de personagens negras e protagonistas, nesse espaço de representação. Inicialmente, é importante ressaltar que as histórias são contadas por meio de processos verbais e visuais (CADEMARTORI, 2017); e, as ilustrações despertam a imaginação do leitor, através das referências identitárias e culturais que lhes são apresentadas. Tal como, Aguiar e Barros (2015) afirmam que o imaginário infantil também é estimulado, e a criança se identifica com os personagens como forma de expressar a sua singularidade.

Peres, Marinheiro e Moura (2012) fazem uma indagação e apontam que os personagens da literatura infantil clássica, geralmente apresentam mulheres brancas que expressam ideologias e padrões de beleza; enquanto os personagens negros desempenham papéis despercebidos. Todavia, a autora Castilho (2004) menciona que a partir da década de 80 surgiram obras literárias com a presença do negro, visando romper uma imagem estereotipada. Inclusive, a autora cita obras como: *A Menina Bonita do Laço de Fita* (1986); *Histórias de Preta* (1999); *Luana* (2000); *Bruna e a Galinha D'angola* (2003); que enfatizam a presença de personagens negras e protagonistas.

Dessa forma, é possível observar que as personagens negras passaram a ganhar destaque de protagonistas nesse período. De acordo com França (2006), parte desse avanço se deu em virtude do movimento negro nacional. Sendo assim, pode-se considerar que já houve um avanço, mesmo porque, as mulheres negras lutam por reconhecimento há muitos anos. Portanto, pretende-se investigar a seguinte questão: a militância feminista tem contribuído para a conquista de sua representação nas histórias infantis contemporâneas?

No momento atual, as mulheres negras estão se manifestando para desconstruir a visão de inferioridade, e buscando conquistar o seu espaço na sociedade enquanto mulher e negra. Acredita-se que esse ato de resistência e contestação de uma minoria, historicamente reprimida ao longo do tempo, contribuiu para o aumento da representatividade nas histórias infantis. Assim, supõe-se que este seja um dos meios que simbolize essa conquista.

Por esse motivo, justifica-se a relevância desse estudo como possibilidade de promover discussões sobre as representações estereotipadas da mulher negra nas histórias infantis. Além disso, fomentar debates a respeito dos conteúdos que são transmitidos nas narrativas; os arquétipos clássicos presentes e, as representações que induzem e expressam a discriminação racial na literatura infantil.

Deste modo, a intenção é de expor maior entendimento sobre o tema através de uma pesquisa bibliográfica, com embasamento teórico apurado em endereços eletrônicos, especificamente,

artigos científicos, dissertações e livros publicados. Mediante a uma análise qualitativa e abordagem explicativa, a princípio fez-se necessário efetuar um levantamento de dados para compreender e argumentar.

Portanto, o objetivo do trabalho é analisar como vem ocorrendo à inclusão de personagens negras nas histórias infantis, e apresentar contribuições para fortalecer a valorização da mulher negra e a representatividade nacional; assim como, buscar entender a função e a presença dos arquétipos nesse cenário.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 O HISTÓRICO DAS HISTÓRIAS INFANTIS NO CONTEXTO BRASILEIRO**

Antes de realizar o traçado histórico sobre o surgimento das histórias infantis no Brasil, vale ressaltar que, segundo Paiva e Oliveira (2010) a literatura infantil já estava presente na tradição oral, bem antes de existirem os livros infantis. Com base nisso, Lima e Costa (2016) apresentam como referência os ‘griôs’ (contadores de histórias) da África, pois, eles mantêm a tradição da oralidade através de contos, mitos e lendas, com o intuito de transmitir os ensinamentos e costumes do seu povo. Os griôs também são conhecidos como ‘narradores orais’, e atuam desde o século XIV no Império Mali reconstruindo o passado e interpretando as histórias (SILVA, 2013).

Ao se apropriar de uma característica moderna americana e europeia, os textos orais tornaram-se textos escritos, e conseqüentemente, perdiam-se a tradição de aspectos tradicionais engajados com o ritmo, o movimento corporal, a voz e a musicalidade (SILVA, 2013). Acontecimento considerado lamentoso, pois, os griôs buscavam a preservação da cultura através do domínio da palavra, para oferecer aos ouvintes possibilidades de explorar aspectos imaginários (SANTOS, 2013).

Em meados do século XVII ocorreram mudanças em relação à concepção de infância, o cuidado com a criança e o papel de educá-la. Ao mesmo tempo surgia a literatura infantil com François Fenélon (1651-1715), para transmitir valores sobre ‘o bem e o mal’, tornando-se uma tradição que se mantém nos contos e fábulas contemporâneos (SILVA, 2009). Peres, Marinheiro e Moura (2012) salientam que os livros infantis começaram a ser produzidos na Europa no século XVII, inicialmente, com produções relacionadas ao modelo familiar fundamentado no casamento, vida doméstica, e educação dos filhos.

Silva (2009) destaca:

Em 1697, Charles Perrault (1628-1703) traz a público Histórias ou contos do tempo passado, com suas moralidades: Contos de Mão Gansa. Ganham, então, forma editorial as seguintes histórias: A Bela Adormecida no bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O pequeno Polegar (SILVA, 2009, p.137).

Essas produções literárias apareceram em um período de transformações sociais, e surtiu efeito positivo, pois, contribuiu para a ampliação da literatura infantil em diversos países, inclusive no Brasil. França (2006) descreve que surgiu no Brasil no século XIX, em decorrência do processo de modernização e civilização. Então, a literatura infantil brasileira se fortaleceu com a adaptação de obras estrangeiras, e as escolas também se apropriaram dos modelos educativos europeus (PERES; MARINHEIRO; MOURA, 2012). Apesar disso, Lajolo e Zilberman (2007) descrevem que, ao longo do tempo, os livros infantis brasileiros sofreram transformações para atender as exigências locais, relacionadas à história do Brasil.

Tendo como exemplo, o escritor Monteiro Lobato (1882-1948) que ficou conhecido por deixar um legado para a literatura infantil brasileira (PERES; MARINHEIRO; MOURA, 2012). Em 1921 suas obras passaram a representar a cultura popular regional, incluindo personagens negros na literatura, tais como: tia Nastácia, tio Barnané e o saci pererê (FREITAG; WINKLER, 2014). Castilho (2004) aponta que Monteiro Lobato marcou o período modernista no Brasil, por outro lado, critica-o por apresentar a imagem do negro de forma discriminativa.

Da mesma forma que Freitag e Winkler (2014) consideram que a linguagem utilizada por Lobato, expressava o preconceito através do uso de termos pejorativos. Castilho (2004) cita que Lobato estabeleceu uma divisão entre o mundo pertencente à cultura negra, repleta de analfabetos, e a cultura branca, composta por uma categoria elitizada. Por isso, os personagens negros apresentavam papéis secundários e encontravam-se marginalizados nas obras infantis. Neste sentido, a autora Gouvêa (2005) critica a postura de Lobato, em razão de o autor apresentar uma atitude ambígua, da mesma forma que buscava resgatar as raízes nacionais, também as atribuía à ignorância.

Silva (2012) também descreve que o conteúdo das obras de Monteiro Lobato são representações negativas, e cita a obra 'Caçadas de Pedrinho' (1924) como exemplo nítido, pois, possuem elementos que deprecia a imagem da mulher negra na sociedade. Em contrapartida, ainda que, as obras evidenciem a discriminação racial, não há como negar a importância das produções

literárias de Monteiro Lobato, como marco histórico e ponto de partida para a inserção de personagens negras na literatura infantil brasileira.

A literatura infantil carrega preconceitos, rótulos, e descrédito em relação à função pedagógica desde o seu surgimento (SILVA, 2009). As representações das imagens podem induzir papéis sociais, principalmente no que se refere ao gênero, etnia, à condição social da mulher e os padrões de beleza. Pois, englobam ensinamentos morais que transmitem significados de como compreender o mundo. E, apesar do crescimento de produções no cenário nacional, com histórias de heróis, aventuras, e tendo o Brasil como protagonista relevante (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007), ainda existe uma apreciação das histórias infantis clássicas da cultura europeia pioneira.

## 2.2 A PRESENÇA DOS ARQUÉTIPOS NAS HISTÓRIAS INFANTIS

O entendimento relacionado aos personagens que compõem as histórias infantis pode ser compreendido através dos arquétipos, que está fundamentado nos estudos de Carl Gustav Jung (1875-1961). O psiquiatra desenvolveu conceitos com base em suas pesquisas e, concluiu que os arquétipos são conteúdos inconscientes que podem ter pontos positivos ou negativos, e expressam o inconsciente coletivo presente na psique das pessoas (JUNG, 2002). Isto é, são possibilidades e experiências humanas comum a indivíduos por toda a parte, mas cada pessoa avalia e julga de forma diferente.

O autor Mielietinski (1998) descreve que os arquétipos são interpretados por Jung, como esquemas estruturais que supõe previamente estruturas de imagens que expressam uma energia psíquica que se centra no objeto. Franz (1990) ressalta que uma imagem arquetípica não é um pensamento que permanece interligado a outros pensamentos de forma padronizada, mas, se trata de uma experiência emocional particular do indivíduo. E à medida que ele passa a ter consciência disso, os arquétipos vão se modificando.

Os arquétipos são apresentados nos contos de fadas, lendas, mitos, sonhos, e imagens que são universais de diferentes épocas (JUNG, 2002). Segundo Silva e Rehem (2012), os arquétipos transmitem crenças e valores que são passados de geração em geração. E isso reflete na imaginação na imaginação do leitor, quando este, se depara com conteúdos repletos de símbolos e significados nas histórias infantis. Além disso, os arquétipos são responsáveis por fazer a ligação entre as experiências do que é percebido/sentido e as ideias (MATTAR, 2007).

Ainda segundo a autora Mattar (2007), os arquétipos influenciam o comportamento do indivíduo e da coletividade, pois, neles estão presentes as imagens simbólicas e fortes emoções. À vista disso, Mendes (2000) cita:

Entre os arquétipos do inconsciente coletivo estão o nascimento, a maternidade, o casamento, a morte, o renascimento, o poder, a magia e as respectivas figuras da criança, da mãe, do herói, dos deuses e demônios. Todas essas imagens e figuras arquetípicas estão nos mitos e contos de fada, embora não sejam percebidas racionalmente pelos ouvintes e leitores (MENDES, 2000, p.35).

Dentre os arquétipos citados anteriormente, Mielietinski (1998) aponta que Jung considerava os arquétipos da mãe, da criança, a sombra, o animus e anima os mais importantes. Por esse motivo, Jung (1991) deu ênfase nos arquétipos dominantes da figura masculina e feminina, que são: o animus e a anima. Esses conteúdos psíquicos fazem parte do desenvolvimento da personalidade e, expressam características masculinas presentes na mulher, animus; e as femininas presentes no homem, anima.

Precisamente, o arquétipo do feminino traz uma representação simbólica das deusas clássicas e da mitologia, e essa configuração contribui para a construção da identidade feminina (SILVA, 2014). De acordo com Silva e Rehem (2012) o arquétipo feminino retrata a inferioridade e a representação do 'sexo frágil'. Uma vez que, acreditava-se que a mulher não tinha capacidade para executar tarefas e não podia ter participação nas questões políticas e sociais.

Apesar disso, ao longo do tempo, os arquétipos clássicos foram dando espaço para novas configurações arquetípicas. E, mesmo com o surgimento de novas representações, os arquétipos clássicos continuam sendo transmitidos na contemporaneidade no contexto literário, sobretudo, influenciando no processo de construção identitária do ser humano.

### 2.3 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NAS HISTÓRIAS INFANTIS

Ao longo dos séculos, as mulheres negras vêm lutando para conquistar o seu espaço na sociedade. Logo, essa luta retrata uma trajetória que conforme as autoras Freitag e Winkler (2014), fazem parte de uma história marcada pela escravidão que envolve violência, desvalorização e sofrimento. Isso porque, a mulher negra passou a ser vista como objeto pertencente ao homem (LE MOS, 2017); não tendo visibilidade como pessoa identitária e nem para desempenhar um papel político social (WERNECK, 2010). Consequentemente esses acontecimentos deram origem a construção da imagem e identidade da mulher negra.

De acordo com França (2006), os estereótipos do negro brasileiro foram construídos através da herança cultural da escravidão. Por isto, o autor destaca que também influencia na percepção que se tem da mulher negra. Pois, remete características inferiorizantes: invisibilidade, passividade, etc., e se estendem para as representações de personagens negras nas histórias infantis. Uma vez que, aparecem como empregada doméstica e submissa, seja na telenovela brasileira, no cinema, e etc. (AGUIAR; BARROS, 2015). Ou até mesmo a ausência de personagens negras nas histórias infantis já manifesta essa invisibilidade, e a falta de representatividade.

Os modelos de protagonistas são, na maioria das vezes, princesas brancas, ‘ingênuas’, que atendem as expectativas da sociedade (BELARMINO; BORGES; MAGALHÃES, 2010). Já a mulher negra é configurada como uma personagem sofrida, que batalha por independência financeira (SANTOS, 2013), e tem o estereótipo que emerge aspectos negativos. Desta maneira, Belarmino, Borges e Magalhães (2010) destacam que esses aspectos, transmitem para os leitores normas e valores que indicam belezas estereotipadas; modelos comportamentais, e inferioriza o papel da mulher negra na sociedade.

Santos (2013) ressalta que, a inclusão de uma princesa negra favorece para a criança ter a possibilidade de se ver representada, e inclusive, romper com a visão dos contos tradicionais que induzem modelos preconceituosos socialmente construídos. E, justamente, porque há uma ausência de representatividade do negro nas histórias infantis, que inviabilizam a integração com a realidade social (SILVA, 2012). Entretanto, as autoras Freitag e Winkler (2014) descrevem:

A presença do negro como “protagonista” na literatura infantil é uma conquista recente, a partir da Lei 10.639/ 2003, que torna obrigatória a inserção do ensino da história da África e do negro [...] Desde então, o mercado literário vem trazendo obras infantis em que figura o negro como personagem principal (FREITAG; WINKLER, 2014, p. 110).

À medida que são inseridos elementos culturais africanos, e o incentivo da presença do negro no contexto literário, proporcionam práticas cotidianas a favor de uma educação anti-racista. Já que, é importante explorar as referências culturais e as histórias dos antepassados (MEC/SECADI, UFSCar, 2014). Por esse motivo, Rodrigues e Aquino (2010) discorrem que existe a possibilidade da literatura infantil promover mudanças de construções racistas, além de, servir como referência ao destacar histórias de princesas, fadas e heroínas negras, etc.; promovendo a inclusão, relações respeitáveis e igualitárias (ZANETTI & SACRAMENTO, 2010).

Como parte desse avanço, Santos (2016) afirma que a população negra está conquistando a representatividade nas histórias infantis, principalmente com o surgimento de novas protagonistas.

Segundo a autora, essa conquista representa a luta das mulheres negras pela desmistificação de inferioridade e a aceitação de si, possibilitando maior inclusão nesse cenário. Foi a partir do século XVIII, com o apoio da militância feminista, que as mulheres passaram a ir de contra a submissão, e a literatura feminina contemporânea se aliou ao movimento ativista (ALVES, 2010).

Por esse motivo, Alves (2010) destaca escritoras brasileiras que trazem a público experiências, reflexões, para desconstruir a imagem da mulher negra associada aos trabalhos domésticos. E cita nomes como: Maria Aparecida Andrade Salgueiro; Conceição Evaristo; Esmeralda Ribeiro; Lia Vieira; Sonia Fátima da Conceição; e Geni Guimarães; grandes nomes de escritoras afro-descendentes que descrevem sobre as mulheres negras; as questões sociais; preconceito; referências culturais, e entre outros aspectos voltados para a construção da identidade, e a visibilidade da mulher negra não somente no contexto literário, mas enquanto pessoa que pode exercer um papel político e social na sociedade.

### 3. CONCLUSÃO

Este trabalho dedicou-se a buscar fontes para explicar a inclusão de personagens negras nas histórias infantis, trazendo a perspectiva do contexto brasileiro. Logo, conclui-se que, as representações estereotipadas dos personagens negros sempre estiveram presentes nas narrativas. Até mesmo, a existência dos arquétipos clássicos que continuam sendo transmitidos nas obras contemporâneas.

É certo que, os vestígios de uma trajetória marcada pela escravidão e a desvalorização dos homens e mulheres negras, refletem nos dias de hoje, pois, muitas vezes ocorre o esquecimento da história da população negra. Dado que, as produções literárias manifestam-se como espaço que aloja o racismo e, conseqüentemente prolifera na subjetividade do leitor. Por esse motivo, é importante refletir sobre as representações culturais e identitárias que são transmitidas por meio das narrativas; e, sobretudo, questionar as crenças que provocam a indução de papéis socialmente construídos.

Em virtude da militância feminista, nota-se que o feminino negro está conquistando maior representatividade. Em razão de escritoras negras participarem de movimentos ativistas e, expor narrativas sobre o cenário brasileiro, a luta pela desmistificação de inferioridade, do preconceito, e a aceitação de si. De certa forma, essa atitude contestadora contribui para o aumento da representatividade nas histórias infantis, uma vez que, o movimento negro nacional abre portas para a inserção da mulher negra em todos os contextos, inclusive no âmbito literário.



Deste modo, tais escritoras afro-brasileiras promovem maior visibilidade às personagens negras, além de abranger discussões que valorizam as referências culturais e a representatividade nacional. Logo, esse estudo problematiza essa questão no contexto brasileiro literário, tendo em vista que se trata de uma trajetória contínua pela busca da representatividade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, E. L. C.; BARROS, M. K. **A representação feminina nos contos de fadas das animações de Walt Disney**: a resignificação do papel social da mulher. 2015. 15 p. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Universidade Potiguar, Natal, 2015. Disponível em:

<<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1959-1.pdf>>. Acesso em: 20 abril 2017.

ALVES, M. Literatura negra feminina no Brasil – Pensando a existência. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**. v.1, n.3, p. 181-189. fev. 2011. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/280>>. Acesso em: 24 outubro 2017

BELARMINO, R. C.; BORGES, L. A.; MAGALHÃES, M. S. **A princesa branca dos contos de fadas e a mulher negra da vida real**: uma discussão sobre gênero e raça no conto da cinderela. 2010. 10 p. Fazendo gênero 9 – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277933453\\_ARQUIVO\\_fazendogenero-Modificado.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277933453_ARQUIVO_fazendogenero-Modificado.pdf)>. Acesso em: 20 abril 2017.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** ed. 10. São Paulo: Brasiliense, 2017. (Coleção Primeiros Passos) 65 p. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=aGgvDwAAQBAJ&dq=O+que+%C3%A9+literatura+infantil&hl=pt-BR&source=gbs\\_navlinks\\_s](https://books.google.com.br/books?id=aGgvDwAAQBAJ&dq=O+que+%C3%A9+literatura+infantil&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s)>. Acesso em: 21 setembro 2017.

CASTILHO, S. D. A representação do negro na literatura brasileira: novas perspectivas. **Olhar de professor**. Ponta Grossa, v.7, n.1, p. 103-113, 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/684/68470108/>>. Acesso em: 24 outubro 2017.

FRANÇA, L. F. **Personagens negras na literatura infantil brasileira: da manutenção à desconstrução do estereótipo**, 2006. 164 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2006. Disponível em:

<<http://www.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/ebf49e7d9cd569d62ef87cb530e279b2.pdf>>. Acesso em: 16 setembro 2017.

FRANZ, M. L. V. **A interpretação dos contos de fada**. [tradução Maria Elci Spaccaquerche Barbosa; revisão Ivo Stornioio]. ed. 3. São Paulo: PAULUS, 1990. 139 p.

FREITAG, S. A.; WINKLER, A. D. O negro e a literatura infantil. **INTERFACES: Educação e sociedade**, v.1, n.1, p. 101-115, 2014. Disponível em:

<<http://local.cneccsan.edu.br/revista/index.php/pedagogia/article/viewFile/20/16>>. Acesso em: 28 abril 2017.

GOUVÊA, M. C. S. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e pesquisa**. São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan/abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a06v31n1>>. Acesso em: 24 outubro 2017.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. [tradução Maria Luíza Appy; Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. ed. 2. Petrópolis: VOZES, 2002. 469 p.

JUNG, E. **Animus e anima**. [tradução Dante Pignatari]. ed. 1. São Paulo: PENSAMENTO CULTRIX, 1991. 112 p.

LAJOLO, M. ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: histórias & histórias**. ed. 6. São Paulo: Ática, 2007. 186 p.

LEMOS, A. S. Respeito e valorização à mulher negra. **Dignidade Re-Vista**, Rio de Janeiro, n.1, p. 8-18, mar. 2017. Disponível em:

<<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/dignidaderevista/article/view/185>>. Acesso em: 29 abril 2017.

LIMA, M. A.; COSTA, A. C. F. Dos griots aos Griôs: a importância da oralidade para as tradições de matrizes africanas e indígenas no Brasil. **Revista Diversitas**. São Paulo, n. 3, p. 216-245, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/diversitas/article/download/113893/111749>>. Acesso em: 13 maio 2017.

MATTAR, R. R. **Os contos de fadas e suas implicações na infância**. 2007. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual Paulista. Bauru, São Paulo, 2007. Disponível em: <[http://proferlaotrabalhosalunos.pbworks.com/f/TCC+OS+CONTOS+DE+FADAS+E+SUAS+IMPLICA%C3%87%C3%95ES.pdf](http://proferlaotrabalhosalunos.pbworks.com/f/TCC+%2D+OS+CONTOS+DE+FADAS+E+SUAS+IMPLICA%C3%87%C3%95ES.pdf)>. Acesso em: 14 setembro 2017.

MIELIETINSKI, E. M. **Os arquétipos literários**. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998. 312 p.

MENDES, M. B. T. **Em busca dos contos perdidos: o significado das funções femininas nos contos de Perrault**. ed. 1. São Paulo: UNESP, 2000. 148 p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil**. SECADI (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão). Brasília: UFSCar, 2014. 144 p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002270/227009por.pdf>>. Acesso em: 13 abril 2017.

PAIVA, S. C. F.; OLIVEIRA, A. A. A literatura infantil no processo de formação do leitor. **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, v.4, n.7, p. 22-36, jan-jun, 2010. Disponível em: <<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/175/101>>. Acesso em: 14 setembro 2017.

PERES, F. C.; MARINHEIRO, E. L.; MOURA, S. M. M. A literatura infantil na formação da identidade da criança. **Revista Eletrônica Pró-Docência**. Londrina, v.1, n.1, jan-jun, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope>>. Acesso em: 16 setembro 2017.

RODRIGUES, P. R. S.; AQUINO, M. A. A (In)visibilidade da pessoa negra na literatura infantil: (Im)possibilidades de afirmação da identidade afrodescendente na escola. **Cadernos Imbondeiro**. João Pessoa, v.1, n.1, p. 1-8, 2010. Disponível em: <<http://www.biblionline.ufpb.br/ojs/index.php/ci/article/download/13492/7651>>. Acesso em: 28 abril 2017.

SANTOS, R. F. **A princesa negra que causou polêmica**. 2013. 15 p. XVIII Congresso de Ciências e Comunicação na Região Sudeste – Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0653-1.pdf>>. Acesso em: 20 abril 2017.

SANTOS, S. A. **Nos traços da mulher: A menina negra na literatura infantil negro-brasileira**. 2016. 248 p. Dissertação (Pós Graduação em Estudo de linguagens). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <[http://www.ppgel.uneb.br/novo/wp-content/uploads/2016/10/santos\\_shirlene.pdf](http://www.ppgel.uneb.br/novo/wp-content/uploads/2016/10/santos_shirlene.pdf)>. Acesso em: 23 setembro 2017.

SILVA, A. L. Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. **Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM**. São Paulo, v.2, n.2, p.135-149, jul-dez, 2009. Disponível em: <<http://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/234>>. Acesso em: 14 setembro 2017.

SILVA, A. V. **A lua negra: o lado sombrio do feminino**. 2014. 32 p. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica Junguiana) – Faculdade Monteiro Lobato, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://www.ajb.org.br/congresso/uploads/anais/anais%20%20posters/A%20LUA%20NEGRA%20o%20lado%20sombrio%20do%20feminino%20-%20Andr%C3%A9%20Ventura%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2017

SILVA, C. S. Do griô ao vovô: o contador de histórias tradicional africano e suas representações na literatura infantil. **Nau Literária: crítica e teoria de literaturas**. Porto Alegre, v.9, n.2, jan-jun, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/43352>>. Acesso em: 15 setembro 2017.

SILVA, L. C. **Meninas negras na literatura infanto juvenil**: escritoras negras contam outra história. 2012. 197 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/11114>>. Acesso em: 29 abril 2017.

SILVA, V. S.; REHEM, R. **O rompimento do arquétipo clássico de mulher inserido no romance as velhas**. 2012. 10 p. IV SEPEXLE (Seminário de pesquisa e extensão em letras) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2012. Disponível em:

<[http://www.uesc.br/eventos/sepexle/ivsepexle/artigos/art20\\_passos\\_silva\\_rehem.pdf](http://www.uesc.br/eventos/sepexle/ivsepexle/artigos/art20_passos_silva_rehem.pdf)>.  
Acesso em: 28 abril 2017.

WERNECK, J. P. **Mulheres negras**: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil. Rio de Janeiro: CRIOLA, 2010. 90 p. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/handle/11465/886>>. Acesso em: 13 abril 2017.

ZANETTI, J. P.; SACRAMENTO, M. P. Jovens negras: ressignificando pertencimentos, construindo práticas. In: WERNECK, J. P. **Mulheres negras**: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil. Rio de Janeiro: CRIOLA, 2010. cap. 2, p. 24-36. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/handle/11465/886>>. Acesso em: 13 abril 2017.